



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## AS PARÁBOLAS DE JESUS NA TRADIÇÃO SINÓTICA: CHAVES PARA AS ILUSTRAÇÕES NA PREGAÇÃO CONTEMPORÂNEA

---

Parables of Jesus in the synoptic tradition: keys to the illustrations in contemporary preaching

Samuel Marques Campos<sup>1</sup>

### Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar as parábolas de Jesus conforme registrado nos evangelhos sinóticos, verificando suas características e propósitos, a fim de propor parâmetros para pregadores contemporâneos que desejam se espelhar na comunicação do Mestre com o objetivo de aprimorar suas ilustrações do sermão frente aos desafios da sociedade da Informação.

### Palavras-chave:

Pregação. Parábolas. Jesus. Ilustrações.

### Abstract:

The objective of this article is to analyze Jesus' parables in the Synoptic Gospels, particularly their features and purposes, in order to propose parameters for contemporary preachers who wish to be inspired by the Master's communication style for the purpose of improving their sermon illustrations considering the challenges of the information society.

### Keywords:

Preaching. Parables. Jesus. Illustrations.

\*\*\*

### Introdução

A ilustração é de suma importância no ato da prédica. Ela é uma comparação que visa esclarecer, elucidar e exemplificar uma verdade. De acordo com Crane, ela “é aquela parte do sermão que ajuda a congregação a ver com os olhos da mente”, apelando “aos poderes da imaginação”.<sup>2</sup> Ela consiste em uma “linguagem que pode ser vista”, ou seja, tem a função de

---

<sup>1</sup> Especialista (curso livre) e Mestre (curso livre) em Teologia (STBE/FATEBE). É Especialista em Ciências da Religião (FATEBE) e atualmente é Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e Professor de Teologia Sistemática da Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Belém, Pará, Brasil. E-mail: [samcampos81@gmail.com](mailto:samcampos81@gmail.com).

<sup>2</sup> CRANE, James D. *El Sermón Eficaz*. 2 ed. rev. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 2003. 1 CD-ROM. p. 169.

“coloca[r] olhos nos ouvidos das pessoas”.<sup>3</sup> Moraes pensa nela como uma casa com janelas que procura clarear o ambiente tornando-o mais agradável.<sup>4</sup>

Mesmo sem os recursos tecnológicos existentes atualmente, Jesus foi incomparável no emprego de ilustrações vívidas e do dia a dia que imprimiam seus ensinamentos na mente de seus ouvintes. Sabe-se que não temos acesso direto aos discursos de Jesus. No entanto, para Joachim Jeremias, as parábolas de Cristo registradas, por exemplo, “[...] se apoia[m] em base histórica bastante firme. Elas constituem uma peça da rocha primitiva da tradição”.<sup>5</sup>

Os registros das primeiras comunidades cristãs, que tinham nítido objetivo parênético, permitem compreender por que Jesus se tornou tão importante para a cristandade.<sup>6</sup> Ele demonstra ser um eficaz comunicador. O “maior comunicador da história” que “preparou, encorajou e enviou os seus onze comunicadores a [...] alcançar as pessoas onde elas estavam”.<sup>7</sup> O pregador dos pregadores. Para Crane, ele é o “príncipe dos pastores”.<sup>8</sup>

Entre os recursos empregados por Cristo estão as parábolas. Elas “são algo totalmente novo. Em toda a literatura rabínica do tempo antes de Jesus, não temos nenhuma parábola”.<sup>9</sup> Neste artigo, serão percorridas as parábolas do Senhor registradas na tradição sinótica, buscando compreendê-las, verificando suas características, seus propósitos e ações parabólicas do Nazareno. Buscar-se-ão as formas como Cristo as empregava, a fim encontrar chaves para o pregador hodierno utilizar ilustrações com eficácia.

## As parábolas

Cristo lançou mão das parábolas em grande parte dos seus ensinamentos. Alguns estudiosos estimam que cerca de um terço dos seus ensinamentos consistiram de parábolas e declarações parabólicas.<sup>10</sup> O termo vem do grego παραβολή, que significa “parábola”, “ilustração”, e é equivalente ao substantivo hebraico לְפָנַי que ocorre no Primeiro Testamento.<sup>11</sup> A palavra vem da raiz באל “lançar” e denota “disposição de uma coisa ao lado de outra, para efeito de comparação”.<sup>12</sup> A palavra ocorre 50 vezes no NT, majoritariamente nos sinóticos.<sup>13</sup>

---

<sup>3</sup> OLYOTT, Stuart. *Ministrando como o Mestre: Aprendendo com os Métodos de Cristo*. São José dos Campos: Fiel, 2005. p. 16, grifo do autor.

<sup>4</sup> MORAES, Jilton. *Homilética: Da Pesquisa ao Púlpito*. São Paulo: Vida, 2005. p. 116.

<sup>5</sup> JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*. 10. ed. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2007. (Nova Coleção Bíblica). p. 7.

<sup>6</sup> WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual e metodologia*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 199.

<sup>7</sup> SANTOS; FIORENTINI, 2002, p. 7.

<sup>8</sup> CRANE, James D. *El Sermón Eficaz*. 2 ed. rev. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 2003. 1 CD-ROM. p. 12.

<sup>9</sup> JEREMIAS, 2007, p. 8.

<sup>10</sup> MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. Tradução: Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 1999. (Série Cultura Bíblica). p. 78; HUNTER, A. M., 1960, p. 10ss. apud PEISKER, C. H. Parábola, Alegoria, Provérbio (παραβολή). In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000b. p. 1566.

<sup>11</sup> PEISKER, 2000, p. 1567. Na LXX, παραβολή sempre traduz לְפָנַי. Para mais detalhes sobre os usos e significados de לְפָנַי no contexto veterotestamentário, cf. PEISKER, 2000b, p. 1567-1569 e KIRST, Nelson *et alii*. Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português. 17. ed. São Leopoldo/ Petrópolis, Sinodal/Vozes, 2003. p. 145. O significado de todas as palavras gregas utilizadas foi extraído do léxico do Novo Testamento editado por GINGRICH e DANKER (2004), a menos que seja explicitamente indicado. A expressão “Primeiro Testamento” é utilizada para designar os livros que compõem o “Antigo Testamento” do cânon cristão.

<sup>12</sup> METZGER, Bruce M.; PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Estudos do Vocabulário do Novo Testamento*. Tradução: Fabiani S. Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 1996. p. 117. O texto grego adotado neste artigo corresponde à 26ª

Alguns estudiosos fazem distinção entre as parábolas e os símiles, metáforas, alegorias e provérbios. Para Wegner, o símile que consiste em uma comparação explícita entre elementos, pessoas ou objetos com alguma característica semelhante empregando-se conectivos ou partículas comparativas: “‘como’, ‘tal como’, ‘tal qual’, ‘semelhante a’ e ‘da mesma maneira que’”.<sup>14</sup> Já a metáfora é uma comparação não expressa em que não há a necessidade explícita em se “usar expressamente partículas comparativas, a exemplo de ‘como’ e ‘tal como’”.<sup>15</sup>

Vocês são o sal da terra [...] Vocês são a luz do mundo [...] Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens [...] Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz [...] Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos [...] Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição [...] Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida” (Mt 5.13, 14, 16; 6.22, 23; 7.6, 13, 14).

Nos exemplos acima Jesus não tenciona que suas palavras sejam tomadas literalmente, embora o sujeito e o objeto de comparação se identifiquem como um só. Tanto nos símiles como nas metáforas um único ponto está em questão.<sup>16</sup>

A parábola é um símile ampliado e a alegoria uma metáfora desenvolvida. Estes são, em geral, relatos com mais pontos de comparação, sendo que, na parábola, o sujeito e a comparação mantêm-se separados, mas a explicação vem expressa. Na alegoria, no entanto, o sujeito e a comparação mantêm-se entrelaçados e a comparação não vem expressa.<sup>17</sup>

O provérbio consiste em uma parábola ou alegoria condensada. Trata-se de uma “verdade experiencial da sabedoria popular em forma breve e objetiva”,<sup>18</sup> que contém “pensamento elevado, metafórico [ou alegórico] e didático”.<sup>19</sup> A palavra ocorre no NT cinco vezes como *παροιμία*. Ela pode significar “provérbio” ou “máxima” (cf. 2Pe 2.22) e foi usada por Jesus apenas no evangelho de João, tendo o sentido de “figura” ou “comparação”. Apesar das diferenças, todas essas categorias de comparação têm ligação direta com *παραβολή* e assim serão tratadas.<sup>20</sup>

## Principais características das parábolas

As parábolas de Jesus possuem características próprias e marcantes. O Senhor era um excelente mestre que empregava histórias vívidas que penetravam as mentes, captando eficazmente a atenção dos ouvintes.

---

edição do texto crítico do Novo Testamento grego editado por FRIBERG, Bárbara; FRIBERG, Timothy (eds.). *O Novo Testamento Grego Analítico*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

<sup>13</sup> No Novo Testamento, o termo *παραβολή* está distribuído assim: 17 vezes em Mateus, 13 em Marcos, 18 em Lucas e 2 vezes em Hebreus. O termo não ocorre no evangelho de João. Nos evangelhos, todas as ocorrências são empregadas por Jesus. Todas as estatísticas de ocorrências de termos gregos do Novo Testamento foram extraídas da CONCORDÂNCIA FIEL DO NOVO TESTAMENTO. Vol. 1. São José dos Campos: Fiel, 1994. 2 vols. (Grego-Português).

<sup>14</sup> WEGNER, 1998, p. 206.

<sup>15</sup> WEGNER, 1998, p. 205.

<sup>16</sup> VIRKLER, 2001, p. 122. Todos os textos bíblicos foram extraídos da Nova Versão Internacional (NVI).

<sup>17</sup> VIRKLER, 2001, p. 122.

<sup>18</sup> PEISKER, 2000b, p. 1580.

<sup>19</sup> TAYLOR, William Carey. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. 9. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991. p. 165.

<sup>20</sup> PEISKER, 2000b, p. 1566. WEGNER, 1998, p. 206-211 classifica como parábolas: parábolas propriamente ditas, narrativas parabólicas, narrativas de exemplos e alegorias.

### Baseavam-se no cotidiano

Jesus utilizava comparações extraídas do dia a dia dos seus ouvintes. Da natureza, por exemplo, falou das aves dos céus e lírios do campo, do joio e do trigo, do grão de trigo ou do grão de mostarda (cf. Mt 6.26ss.; 13.36-43; Jo 12.24; Mt 13.31-32; Mc 4.30; Lc 13.18-19). Também empregou parábolas inspiradas em costumes familiares do dia a dia como a manipulação do fermento pela dona de casa e o cuidado de um pastor por uma ovelha que se dispersa (Mt 13.33; Lc 13.20, 21; 15.1-7). Histórias relacionadas com a atividade profissional, como os trabalhadores na vinha, e acontecimentos ocasionais, como o filho pródigo, foram citados (cf. Mt 20.1-16; Lc 15.11-32). Tais comparações cotidianas contribuíam para a identificação do ouvinte com a história relatada.

### Surgiam de uma circunstância

Além de baseadas no cotidiano dos ouvintes, muitas parábolas foram contadas originando-se a partir de determinadas circunstâncias. Por exemplo, em determinada ocasião, quando informaram Cristo sobre a matança realizada por Pilatos de alguns galileus, conforme registro de Lucas 13.1-8, ele aproveita a menção do ocorrido e utiliza a parábola da figueira estéril para ensinar que os galileus não eram mais pecadores porque sofreram tal massacre, mas que seus ouvintes deveriam se arrepender para não perecerem igualmente.<sup>21</sup>

Em outra ocasião, quando uma multidão demonstrava estar cansada, necessitada e aflita, o Mestre aproveita aquele retrato para ensinar os discípulos que “a colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Peçam, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita” (Mt 9.35-37).

Em outra oportunidade, quando Cristo ensinava no templo e sua autoridade foi questionada por líderes judaicos, ele contou a parábola dos dois filhos para ensinar que muitos desfavorecidos na sociedade arrependeram-se de seus pecados e entraram no Reino de Deus, sobrepujando tais líderes (cf. Mt 21.23-32).

Enfim, grande parte das parábolas proferidas por Jesus foi apresentada aproveitando situações momentâneas envolvendo os ouvintes, o que tornava os relatos impactantes e facilitava a absorção das mesmas.

### Imprimiam suspense

Na relação professor-aluno, Price informa que “para prender a atenção é preciso estabelecer alguma espécie de contato com a mente do aluno”.<sup>22</sup> Foi justamente através deste recurso que, à medida que o Senhor contava histórias, algumas perguntas eram criadas nas mentes dos ouvintes, produzindo suspense e captando a atenção.

---

<sup>21</sup> MORRIS, Leon L. *Lucas: introdução e comentário*. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova / Mundo Cristão, 1983. (Série Cultura Bíblica), p. 208 informa que este episódio não é encontrado em outra fonte histórica, contudo esta execução horrenda combina com o caráter cruel de Pilatos.

<sup>22</sup> PRICE, John Milburn. *A Pedagogia de Jesus: o Mestre por Excelência*. Tradução: Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: Bom Pastor / SABRE, 2008. p. 96.

Por exemplo, na parábola dos lavradores maus, a pergunta “o que acontecerá aos lavradores que mataram os servos e o filho do fazendeiro?” poderia surgir (cf. Mt 21.33-46; Mc 12.1-12; Lc 20.9-19). A indagação “o que acontecerá ao servo que não investiu o dinheiro do seu senhor, quando ele voltar?” poderia brotar na parábola dos talentos (Mt 25.14-30). Ou ainda, no relato do bom samaritano, à medida que Cristo desenvolvia a história, poder-se-ia inquirir: “se o sacerdote e o levita se negaram a amparar o ferido caído à beira da estrada, que fará o terceiro andante, que é samaritano?” (cf. Lc 10.29-37).<sup>23</sup>

O suspense prendia a atenção, pois, no desenrolar da história, era natural que os ouvintes ficassem atentos para descobrirem o que iria acontecer.

### Possuíam contrastes

Há abundância de contrastes nas parábolas de Jesus. Afirmações como “não acumulem para vocês *tesouros na terra*, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês *tesouros nos céus*, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam” (Mt 6.19-20, Itálicos acrescidos), instigam o interesse do ouvinte e dos leitores. Assim como são estimulantes os contrastes de uma casa edificada sobre a rocha e outra na areia, a prece do fariseu e a oração do publicano, as cinco virgens néscias e cinco prudentes, um servo fiel e um servo mau, as ovelhas e os cabritos, etc. (cf. Mt 7.24-27; Lc 18.9-14; Mt 25.1-13; 45-51; 31-46).

### Incluía conflitos

Histórias envolvendo conflitos são empregadas constantemente nas parábolas de Cristo. O questionamento dos homens que trabalharam o dia inteiro pelo fato de terem recebido o mesmo salário dos que trabalharam por apenas uma hora, é um exemplo (cf. Mt 20.1-16). Também a insistência da viúva para com o juiz iníquo, as virgens prudentes que se negaram a fornecer azeite às néscias ou o servo mau que teve sua grande dívida perdoada, mas que sufoca um conserto que lhe devia apenas uma pequena quantia, são outros exemplos deste recurso (cf. Lc 18.1-8; Mt 25.1-13; 18.21-35).

### Possuíam paradoxos

O paradoxo é um absurdo, cujo objetivo é chamar a atenção.<sup>24</sup> O Mestre lançou mão deste recurso quando disse que era “mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mt 19.24), ao ensinar sobre a impossibilidade, para alguém que confia nas riquezas, de entrar no reino dos céus. Também disse Jesus: “não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão”, ao ensinar sobre a profanação daquilo que é santo (Mt 7.6).

---

<sup>23</sup> KUNZ, Claiton André. *Ações Parabólicas: Uma análise do ensino de Jesus através de suas ações*. 111 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, 2006, p. 32.

<sup>24</sup> JEREMIAS, 2004, p. 68.

### Utilizavam perguntas retóricas

Perguntas feitas no decorrer do ensino estimulam os ouvintes e leitores a responderem mentalmente aos desafios propostos.<sup>25</sup> Essa técnica foi utilizada abundantemente por Cristo.

Por exemplo, Jesus perguntou: “A que posso, pois, comparar os homens desta geração?”, referindo-se aos fariseus duros de coração e comparando-os a crianças inconstantes (Lc 7.31). Também indagou “Com que se parece o Reino de Deus? Com que o compararei?”, nas parábolas do grão de mostarda e do fermento (Lc 13.18). Cristo também inquiriu “Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?”, após ter falado a parábola da viúva insistente (Lc 18.1-8). Três, das cinco frases da parábola que o Senhor contou sobre a postura do servo e sua recompensa, consistem em perguntas retóricas (Cf. Lc 17.7-10).<sup>26</sup>

Na conversa que o menino Jesus teve com os mestres no Templo de Jerusalém, ele estava “sentado entre [eles], ouvindo-os e *fazendo-lhes perguntas*” (Lc 2.46, itálicos acrescidos). Há evidências de que Cristo continuou empregando este método quando do seu ministério terreno, pois se estima que o Senhor fez 154 perguntas, sendo mais de 100 indagações diferentes registradas nos quatro evangelhos.<sup>27</sup>

### Evocavam resposta do ouvinte

De acordo com Fee e Stuart, as parábolas de Cristo foram contadas objetivando, além de cativar os ouvintes, fazê-los pensar nas suas próprias ações, permitindo-lhes comparar suas vidas aos relatos parabólicos e dar alguma resposta às verdades ensinadas.<sup>28</sup>

### **Propósitos das parábolas**

Apesar das parábolas serem um recurso didático conforme supra mencionado, elas não visavam apenas ensinar, mas levar os ouvintes/leitores a meditar nas verdades nelas contidas, conduzindo-os ao arrependimento.

Os evangelhos demonstram que as parábolas de Jesus possuíam duplo objetivo, que aparentemente são antagônicos. O texto de Marcos 4.10-12 e textos paralelos mostram o seu duplo propósito. Quando os discípulos perguntaram “Por que falas ao povo por parábolas?” (Mt 13.10), o Senhor respondeu: “A vocês foi dado o *mistério* do Reino de Deus, mas *aos que estão fora* tudo é dito por parábolas” (Mc 4.11, itálico acrescido). Aqui, Jesus destaca dois grupos distintos de ouvintes: os discípulos e *os de fora*.

### Esclareciam as verdades do Reino aos discípulos

Primeiramente, o objetivo das parábolas era revelar o mistério (μυστήριον) do reino de Deus. A palavra μυστήριον significa “mistério” ou “segredo” que outrora estava oculto e nunca poderia ser descoberto sem o auxílio divino; agora, contudo, Jesus estava revelando aos seus

---

<sup>25</sup> PRICE, 2008, p. 133.

<sup>26</sup> KUNZ, 2006, p. 34.

<sup>27</sup> HART, John S., 1861 apud PRICE, 2008, p. 133.

<sup>28</sup> FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?* 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 125.

discípulos.<sup>29</sup> Segundo Mulholland o μυστήριον é proclamado a todos, todavia o entendimento é dado apenas àqueles que creem em Jesus.<sup>30</sup>

Ao referir-se aos ensinamentos de Cristo por meio de parábolas, Mateus faz a citação do Salmo 78.2, escrito por Asafe. No salmo, o povo de Israel é convocado a ouvir uma revelação, por meio de parábolas, do que estava oculto. O salmista lembra que, apesar da contínua infidelidade do povo, a história comprovava as constantes misericórdias de Deus. Esta era exatamente a abordagem do Senhor.<sup>31</sup> O seu ensino assume o mesmo caráter do padrão divino, pois assim como Davi foi escolhido para pastorear o povo de Deus (cf. Sl 78.70-72), Jesus estava guiando o povo do Senhor através de ensinamentos outrora ocultos, mas que estavam sendo gradativamente revelados.

Se, de acordo com a citação do salmista, o propósito de Cristo era usar as parábolas para revelar a vontade de Deus, por que Jesus as explicava particularmente aos discípulos (cf. Mc 4.34)? O reformador João Calvino sugere que o objetivo do Senhor era que a multidão permanecesse em suspense até que chegasse o momento oportuno para falar mais claramente, pois estas parábolas eram apenas uma pequena introdução do evangelho.<sup>32</sup>

Jesus anunciava muitas parábolas “tanto quanto podiam receber” (Mc 4.33). Esta frase de Marcos é obscura. Mulholland sugere que ela significa que as parábolas desafiavam os ouvintes a atentamente ouvirem estes ensinamentos, mesmo não compreendendo imediatamente, pois o propósito era amadurecer os seus entendimentos a fim de “evitar um discipulado superficial”.<sup>33</sup> Por isso que, naquele momento, apenas os discípulos recebiam instrução concentrada do Mestre acerca dos significados das parábolas.

### Ocultavam a verdade aos duros de coração

Além de revelar as profundas verdades do reino aos que têm fé em Jesus, as parábolas também obscureciam estas verdades aos que não criam nele como o Messias, ou seja, aos *de fora*.<sup>34</sup> Esta expressão se refere, pelo contexto, aos líderes judaicos que não criam em Jesus. Antes dessas palavras, mestres da lei acusaram Cristo de expulsar demônios pelo príncipe dos demônios,

---

<sup>29</sup> MORRIS, 1983, p. 143.

<sup>30</sup> MULHOLLAND, 1999, p. 81.

<sup>31</sup> BOCK, Darrell L. *Jesus segundo as Escrituras*. Tradução: Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd Publicações, 2006. p. 196. Veja esse padrão no Salmo: primeiro, a infidelidade do povo e depois as misericórdias de Yahweh. a) Apesar de não guardarem a aliança do Senhor (v. 10), do Egito ao deserto, Deus dividiu o mar vermelho, os guiou e saciou sua sede: Vid. Sl 78.9-16; b) Apesar da revolta contra o Senhor (v. 17), Ele deu alimentação ao povo: Vid. Sl 78.17-31; c) Apesar de continuamente pecarem e não crerem nos milagres (v. 32), Deus perdoou-lhes os pecados: Vid. Sl 78.32-55; d) Apesar de rebeldes e idólatras (vv. 56-58), Yahweh escolheu a Davi para pastorear o povo: Vid. Sl 78.56-72.

<sup>32</sup> CALVIN, John. *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark and Luke – Volume 2*. Tradução: William Pringle. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom32.html>>. Acesso em: 25 nov. 2012. p. 78.

<sup>33</sup> MULHOLLAND, 1999, p. 88. Alguns discípulos compreenderam determinados aspectos do ensino de Cristo apenas quando estavam mais maduros para receber tais ensinamentos (cf. Jo 16.25, 29). PEISKER, C. H. *Os logia de Jesus* frequentemente são designados como ditados, na sua inteireza (παροιμία). In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000a. p. 1581-1582.

<sup>34</sup> Vale citar a posição de JEREMIAS, 2004, p. 71, 369 que cria que não apenas as parábolas, mas todo o ensinamento de Jesus era enigmático aos de fora.

Belzebu,<sup>35</sup> não reconhecendo que ele fora o enviado de Yahweh para o povo de Israel (cf. Mc 3.20-30). Devido a esta incredulidade, o Senhor “os chamou e lhes falou por parábolas” (Mc 3.23).

Os evangelhos sinóticos citam uma profecia do Proto-Isaías 6.9-10 para destacar o não entendimento dos líderes religiosos das parábolas de Jesus. O capítulo 6 começa com o chamamento do profeta e sua visão teofânica. Após Isaías reconhecer ser pecador, bem como o seu povo, Yahweh o comissiona para ser profeta. As primeiras palavras que Deus ordena são surpreendentes e carregam o conteúdo do seu chamado.

Vá e diga a esse povo: Estejam sempre ouvindo, mas nunca entendam; estejam sempre vendo, e jamais percebam. Torne insensível o coração deste povo; torne surdos os seus ouvidos e feche os seus olhos. Que eles não vejam com os olhos, não ouçam com os ouvidos, e não entendam com o coração, para que não se convertam e sejam curados (Is 6.9-10).

A tarefa de Isaías era pregar aos ouvidos surdos. A sua pregação tornaria o povo de Israel cada vez mais insensível e endurecido, pois era um povo rebelde. Para Ridderbos, esta profecia teve cumprimento completo quando da rejeição dos líderes judaicos a Jesus e à sua pregação, pois a situação do contexto de Isaías era semelhante à do contexto de Cristo.<sup>36</sup>

Desta forma, as parábolas consistiam de riquezas preciosas aos sinceros e crentes em Jesus. Contudo, aos incrédulos, aos descuidados e aos que apenas se satisfaziam em ouvir belas histórias sem se posicionar perante as verdades do Reino, consistia em julgamento divino.<sup>37</sup>

Fee e Stuart acrescentam que παραβολή subjaz ao termo aramaico אֲלִמָּה, que significa “figura de linguagem” ou “enigma”. Portanto o mistério das parábolas não poderia ser percebido pelos de fora; eles poderiam até compreender a história em si, mas “deixavam de apreciar o sentido total do ministério de Jesus”, devido à incredulidade.<sup>38</sup>

### As ações parabólicas

Cristo não apenas falava por meio de parábolas, mas ele também agia parabolicamente, ou seja, suas ações continham ensinamentos e lições. As ações parabólicas ou simbólicas de Jesus encontram referências nos profetas veterotestamentários. Por exemplo, o casamento de Oseias com a prostituta Gômer retratava o fato de que o povo de Israel era infiel, mas Yahweh era misericordioso, que sentia muito pesar com a situação e desejava sua transformação. Ao andar nu e descalço durante três anos, Isaías quis representar o juízo de Deus contra o Egito e a Etiópia. Outro exemplo é o do profeta Jeremias que comprou uma botija de barro e a quebrou para denotar juízo de Yahweh para com os adoradores de Moloque, dentre o povo de Judá, que sacrificavam seus filhos (cf. Os 1.2ss.; Is 20.2ss.; Jr 19.1-15).

---

<sup>35</sup> De acordo com Bock, 2006, p. 176, Belzebu é identificado como o maior dos demônios e aparece na literatura judaica no *Testamento de Salomão* 2.8-3.6 e 6.1-11. Jesus, assim, é acusado de ser um mágico e feiticeiro.

<sup>36</sup> RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. 2. ed. Tradução: Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1995. (Série Cultura Bíblica). p. 95.

<sup>37</sup> MORRIS, 1993, p. 144. Um exemplo da compreensão das parábolas, mas a disposição irredutível para não aceitá-las encontra-se em Mc 12.12, quando os líderes judaicos “perceberam que era contra eles que ele havia contado aquela parábola” dos lavradores e, por isso, buscavam ocasião para prendê-lo.

<sup>38</sup> FEE; STUART, 2005, p. 123. JEREMIAS, 2004, p. 192 concorda com a relação entre παραβολή e o termo aramaico אֲלִמָּה.

Semelhantemente aos profetas do Primeiro Testamento, o Senhor lançou mão de ações parabólicas. Brown destaca uma série de atos desta natureza. A inclusão no Reino de Deus dos rejeitados pela sociedade retratava a composição do novo Israel de Deus (cf. Lc 15.1, 2; 19.5, 6; Mt 9.9-13). A última ceia representava o sacrifício de Cristo, além de anunciar a sua segunda vinda (cf. Mt 26.26-29). O número Doze dos discípulos lembrava as Doze tribos de Israel (cf. Mc 3.13-19; Lc 6.12-16), e os Setenta enviados remetiam aos setenta anciãos de Israel (cf. Lc 10.1-12; cf. Ex 24.1; Nm 11.16).<sup>39</sup> A lavagem dos pés dos discípulos expressa a humildade de Jesus e o poder dele de purificação, além de o amaldiçoamento da figueira corresponder a um ato parabólico que expressa o julgamento divino contra uma nação que não produziu frutos.<sup>40</sup>

Kunz observa que a ação parabólica apresenta, em geral, uma mescla de narrativa e diálogo. Há sempre um relato inicial, apresentando a situação e, em seguida, uma interação entre os personagens apresentados. Esta estrutura narrativa/diálogo pode ser percebida, por exemplo, na purificação do templo (narrativa: Mc 11.15, 16, 18; diálogo: Mc 11.17) e na maldição da figueira (narrativa: Mc 11.12-14, 19-20; diálogo: Mc 11.21-26).<sup>41</sup>

Esses atos parabólicos demonstravam que o Mestre proclamava a mensagem não somente por intermédio das parábolas, mas também vivia e incorporava tal mensagem em sua própria pessoa, seguindo a trilha do profetismo veterotestamentário.

### Considerações finais

As parábolas de Jesus baseavam-se no cotidiano, surgiam de uma circunstância, imprimiam suspense, possuíam contrastes, incluíam conflitos, possuíam paradoxos, utilizavam perguntas retóricas e evocavam resposta do ouvinte. Essas características mostram o caráter incomum das parábolas do Senhor.

Jeremias informa que “nem em toda a literatura intertestamentária do judaísmo antigo, nem nos escritos essênios, nem em Paulo, nem mesmo na literatura rabínica [encontra-se] algo que possa ser comparado com as parábolas de Jesus”.<sup>42</sup> As parábolas de Cristo impactavam seus ouvintes e ainda hoje surpreendem e fascinam os leitores hodiernos.

O Mestre sabia do poder das ilustrações e, por isso, empregou este poderoso recurso. A facilidade com que suas instruções ficavam tão nítidas, fixas e atraentes à sua audiência, explica o fato de os “ensinos [do Senhor] terem permanecido tão claros por todos esses séculos”.<sup>43</sup> Estes recursos ilustrativos, extraídos do dia a dia, auxiliavam os ouvintes do Nazareno a fazer vir à memória as verdades por trás da ilustração.

Tomando o exemplo do Senhor, existem, no cotidiano da vida contemporânea, várias ilustrações peculiares que podem ser extraídas para se ilustrar uma verdade de Deus. Vive-se na época da tecnologia e da globalização. Através da internet, por exemplo, eventos e notícias são conhecidos em frações de segundos. Assim, muitos fatos hodiernos podem servir de ilustração

---

<sup>39</sup> Desde que se considerem os manuscritos que trazem o termo “setenta” no lugar de “setenta e dois”, conforme questão textual explanada por BOCK, 2006, p. 238, nota nº. 6.

<sup>40</sup> Lava-pés: vid. Jo 13.1, 2; amaldiçoamento da figueira: vid. Mt 21.18, 19; Mc 11.12ss. Cf. BROWN. Ações Parabólicas de Jesus (παραβολή). In: BROWN e COENEN. Op. Cit., p. 1577, 1578.

<sup>41</sup> KUNZ, 2006, p. 48. Kunz menciona também um exemplo do evangelho joanino: o lava-pés (narrativa: Jo 13.1-6a, 12a; diálogo: Jo 13.6b-11, 12b).

<sup>42</sup> JEREMIAS, 2004, p. 69.

<sup>43</sup> PRICE, 2008, p. 91.

para o pregador contemporâneo, combinando simplicidade, clareza, identificação dos ouvintes e disposição para ouvir a Palavra.

## Referências

BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida / Sociedade Bíblica Internacional, 2001.

BOCK, Darrell L. *Jesus segundo as Escrituras*. Tradução: Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd Publicações, 2006.

CALVIN, John. *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark and Luke – Volume 2*. Tradução: William Pringle. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom32.html>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

CRANE, James D. *El Sermón Eficaz*. Edición Revisada. Biblioteca Electrónica Mundo Hispano. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 2003. 1 CD-ROM.

DANKER, Frederick W.; GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Tradução: Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 2004.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?* 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2005.

FRIBERG, Bárbara; FRIBERG, Timothy (eds.). *O Novo Testamento Grego Analítico*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*. 10. ed. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2007. (Nova Coleção Bíblica).

\_\_\_\_\_. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Tradução: João Rezende Costa. Revisão: Nélio Schneider. São Paulo: Teológica, 2004.

KIRST, Nelson *et alii*. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 17. ed. São Leopoldo/Petrópolis, Sinodal/Vozes, 2003.

KUNZ, Claiton André. *Ações Parabólicas: Uma análise do ensino de Jesus através de suas ações*. 111 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, 2006.

METZGER, Bruce M.; PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Estudos do Vocabulário do Novo Testamento*. Tradução: Fabiani S. Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 1996.

MORRIS, Leon L. *Lucas: introdução e comentário*. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova / Mundo Cristão, 1983. (Série Cultura Bíblica).

MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. Tradução: Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 1999. (Série Cultura Bíblica).

PEISKER, C. H. Os *logia* de Jesus frequentemente são designados como ditados, na sua inteireza (παροιμία). In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000a. p. 1581-1582.

PEISKER, C. H. Parábola, Alegoria, Provérbio (παραβολή). In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000b. p. 1566.

PRICE, John Milburn. *A Pedagogia de Jesus: o Mestre por Excelência*. Tradução: Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: Bom Pastor / SABRE, 2008.

RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. 2. ed. Tradução: Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1995. (Série Cultura Bíblica).

TAYLOR, William Carey. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. 9 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica Avançada: Princípios e Processos de Interpretação Bíblica*. Tradução: Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2001.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual e metodologia*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.